



R

# UM JOGO DE XADREZ

(...), nossos veículos de comunicação estão coalhados de conselheiros, gurus e analistas, mas a nossa realidade degenera a cada dia, (...)

(do blog)

Institucional e objetivamente não sabemos a quantas andamos. Fosse apenas questão de desorientação, bastaria prestar atenção no que dizem, sugerem ou aconselham os conselheiros, gurus e analistas que povoam os nossos veículos de comunicação, especialmente os mais técnicos e aqueles que pautam suas dicções pela visão jurídico/constitucional, indispensável e prioritária quando se trata de matéria de interesse público. Parece faltar tempo aos principais atores do nosso teatro nacional, estão demasiado ocupados jogando xadrez. E não prestam atenção no Nordestino e no Português. O primeiro não está brincando, nem jogando xadrez; um homem preparado e com uma clara visão da realidade brasileira, experiente e vigoroso, não é um simples participante de véspera, oportunista e pretendente a gênio, ou mero jogador alienado como alguns exemplares que rondam a cena. É um nome efetivo que faz jus às suas pretensões, extensamente oportunas e válidas. Quanto ao Português, é aquele bem nutrido homem de mídia que, desvestindo andrajos que já nada cobrem, evidenciou os frangalhos da querela comercial a brincar com a memória dos nossos mortos, que tangenciam o meio milhão:

- O Sr. esteve doente.
- Curei-me com xzy%+#@
- Mas a eficácia não está comprovada!

(Pano rápido, como dizia o Millôr. É de morrermos de vergonha, tamanho o ridículo, nossa permanente sensação de modo geral)

O Brasil, nestes tempos esquisitos, é um enorme tabuleiro de xadrez, palco de uma luta surda, disseminada, pelo centro do “teatro de batalha”, um embate de correntes que de perceptível tem apenas a violência e a carência ética. Vivemos duas realidades, a realidade formal, enganadora, e a “realidade real”, perversa e oculta. Demolir “o quê”, para em seu lugar levantar “o quê”?

Não chegamos onde estamos por causa de distorções laborais; o problema, a questão, é bem mais profunda e arraigada, muita coisa precisa ser revista antes de quaisquer reformas impactantes uma vez que as mazelas e distorções que tais reformas pretensamente corrigiriam decorrem do modelo cultural, de amplo espectro. Não somos, definitivamente, um Estado capitalista, não fomos educados, treinados ou estruturados nesse sentido; soluções capitalistas, portanto, especialmente se aplicadas de afogadilho, mergulharão o país em incertezas e na frustração popular, que não pode ser combatida com força e autoritarismo, a solução, parece, preferida de parcelas das gentes. Soluções capitalistas não funcionam num país agrícola, exportador de matérias prima, *commodities*, deficientemente educado e real candidato a retornar às linhas de pobreza e níveis abaixo delas, característicos de sua história.

(Do blog, trecho de OS GRANDES ENIGMAS DA HISTÓRIA ECONÔMICA DO BRASIL, publicado em 26 de Setembro de 2016)

Alguma dúvida? Não é adivinhação, nem milagre, é análise, senso de direção, preocupação com o país.

É preciso saber brincar; problemas surgem se só se sabe brincar quando se é dono do brinquedo e parte-se para tomar o brinquedo dos outros. O perigo está em que o novo dono do brinquedo pode cansar-se de brincar em conjunto, colocá-lo debaixo do braço e partir para brincar sozinho ou só com os seus amigos do peito. (OS GRANDES ENIGMAS, idem, ibidem)

O homem livre e de consciência não necessita de líderes, mas de estar com os seus iguais e, juntos, fixarem objetivos e prioridades pelo consenso, ou, na divergência, pelo voto. Há de ser combatido por todos os meios e modos o que não decidido em livre associação, especialmente a fórmula pronta em cujo bojo labore o ilegal, o imoral, o amoral, o antiético e os interesses de grupos. (Do blog - Montado sobre template de Keynote)

O nome disso é DEMOCRACIA, único sistema válido para cuidar de uma nação, de um país.

1. Nunca foi desejada para o Brasil uma gestão técnica com os temperamentos políticos que tornem palatáveis as melhores soluções técnicas para o país; essa é a função dos políticos, que nunca existiram para governar, algo que, em geral, não sabem fazer. Quando governam, o “clima” sempre está a um passo do surreal. E como a política é a arte do impossível, esta é a dimensão em que vivemos. Eu jamais cogito soluções de força.

2. Medidas econômicas necessárias, de longo prazo, estão além da pirotecnia cênica e verbal, da teatralidade. Em termos indicadores de progresso efetivo, o saldo da balança comercial brasileira é ilusório, deve-se preponderantemente à exportação de commodities e à baixa capacidade de consumo e compra da população e empresas que derrubou a procura de itens de componentes importados e a importação de bens materiais de consumo e partes, isto somado à alta dos preços decorrente da alta do dólar relativamente ao Real. Não foram as exportações nominais que subiram decisivamente, foram as importações que caíram dramaticamente. Pergunto: A tendência do dólar é de alta? Por quê?

A Diplomacia moderna dispensa os punhos de renda e a culta banalidade os salões; uma de suas atividades principais é promover os negócios do país no exterior, i.e., exportações, que também é assunto para os escritórios comerciais e homens de negócios em grupos, associações ou individualmente. A Administração tem um ‘mundo’ de problemas internos para resolver, a Economia, por exemplo. Cabe aos industriais, comerciantes e fornecedores de serviços uma ação efetiva, permanente e agressiva de busca de negócios fora do país com oferta de produtos de padrão internacional. O que não chegar a isso é perfumaria.

3. Estamos beirando o culto da personalidade, se já não chegamos a ele. Quase tudo hoje no Brasil é propagandístico, promocional. Não se cogita uma arrumação firme e de base na Economia; limitar gastos não é medida econômica típica, reforma da Previdência também não, e reforma trabalhista só tem o caráter de demolição da CLT.

*“O ex-deputado e hoje ministro Ricardo Barros não esconde de ninguém que cortou o orçamento da Justiça do Trabalho (JT) para que ela pare de condenar os empregadores. (...). Uma ofensiva contra o Direito do Trabalho, que pretende culpá-lo pela crise, nos parece datada, ultrapassada.”*

(Felipe Santa Cruz, Presidente da OAB RJ — Tribuna do Advogado, Órgão da OAB/RJ — Setembro de 2016 — Pagina 38)

A ilação é minha: Já não é mais surrealismo, é o delírio da república patronal.

4. Na última sexta-feira para sábado eu sonhei com víboras — falo sério —, muitas víboras, por todos os lados. Eu prefiro sonhar com e falar de flores. Elas não tiveram eleições, por isso, e por causa disso, estiveram naturalmente protegidas. Em termos! Não pagaram micos de alturas estratosféricas nem cometeram irresponsabilidades monumentais. As flores, mesmo agrestes, como a do mandacaru e do xique-xique, têm um “quê” de espontaneidade e força; a seu modo enfeitam o mundo, enquanto humanos o enfeiam.

Eu prefiro falar de flores! Elas sugerem nobreza, têm vocação para permanências, não convolam pequenezas; flores são para os olhos de ver, adivinhadores de grandezas, alheias a sedições e desagregamentos, intrigas.

Eu prefiro falar de flores! Elas sabem o que são, não fingem ser, têm consciência de eternidades nos passos dos raios de sol, não são produtos das sombras, do desamor. Bem ao contrário! A feiura existencial cansa, a malícia grosseira entedia, a prática da prestidigitação aborrece.

Eu prefiro falar de flores!

*Viens, mon amour!*

(Publicado em 3 de Outubro de 2016)

